



Pré-Textos

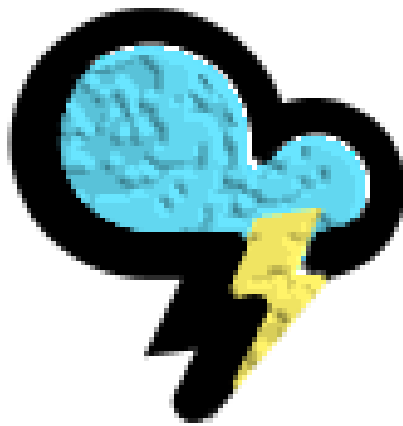
Alucinantes

Bajas

Baja

A`LAUKA

(Pré-Textos Alucinantes)



**Bajosse
Baca**



Fale Comigo

(+ 244) 926 170 461

Experimentais

Versos & Prosas

Envie a sua crítica

Bajomaria17@gmail.

Encontre-me no Facebook

www.Facebook.com/bajossebaca

Título: A'LAUKA

(Pré-Textos Alucinantes)

Copyright © 2022 Bajosse

Primeira Edição

Colectânea: Experimentais
Versos & Prosas

Imagens de Capa: Dilson
Maria e Canva

PROIBIDA A REPRODUÇÃO
DESTE LIVRO POR
QUAISQUER MEIOS, SEM A
PERMISSÃO DOCUMENTAL
DO EDITOR-AUTOR, EXCETO
EM CITAÇÕES PÚBLICAS.

ISBN: 978-989-33-3821-6

NKABI DIA MUESA /OUSADIA DE ESCLARECER	6
ALAUKA/LOUCO (O DELÍRIO CULPOSO)	9
FUNGA/MISTURAR (O EMBARAÇO)	14
KELULUÍSA/FAZER CHORAR (O FANTASMA DE KINI)	20
EKUNDA/FALSA FÉ (LIAMBA: MEU PICA FODIDO!)	26
IAMBULA/DEIXA/SOLTA (ZERO, PÔR FIM À SOLTA)	33
EXIVI DIA NZOLA/MILAGRE DE AMOR (O INÍCIO)	38
KUENDA DIAKA/CONTINUAR (FRICÇÃO, O SEGUNDO PASSO)	42
ZENGA/CORTAR (O FINAL)	48
MENAKUNTUALA/FUTURO	54
NSAMU/PALAVRA	60
NFINDA/FLORESTA	63
EVUVU/ESPERANÇA	67

KÁNDUA LUVUVAMU/DESARMONIA (CORDA BAMBA)	70
BUKUMUKA/FALECER (A INEXISTENTE)	74
LEMBUA NZOLA/AUSÊNCIA DE AMOR, (DESAMOR)	80

NKABI DIA MUESA /OUSADIA DE ESCLARECER

(PRÉ-TEXTO)

No início da criação, somente a mente projecta as ilusões que, posterior, o corpo, por meio das suas articulações exteriores, ilustra para o mundo o que a mente planeou.

Neste sentido, a eleição das cores, o desenho da capa, o título e conteúdo dos contos compilados nesta colectânea, foram todas escolhas propositadas a fim de ilustrarem o que foi mentalmente planeado.

No entanto, este E-book é o resultado da projecção ilusória que, em algum momento, a minha mente inquieta inventou. Tal projecção ilusória, pisoteou-me agressivamente para impor-me a ideia de escrever em linguais nacionais. Hoje, este desejo, já não sucumbe, talvez, porque vejo na liberdade que a escrita oferece a oportunidade de aprender estas línguas que, no actual momento, não sei sequer falar de facto.

Entretanto, numa primeira instância, optei em escrever o título dos textos e a maioria dos nomes dos personagens na língua Kikongo, cujo suporte da pronúncia e a escrita vem da Sra. Mariana Pedro Nkabi (Minha mãe). Por essa razão, a prometi que, num futuro próximo, escreverei na íntegra textos em línguas nacionais.

A'LAUKA

Quanto a justificativa do título da obra, diria que, Alauka ou Lauka, é uma palavra de origem Bakongo, (na língua Kikongo), quer dizer louco, maluco ou idiota. Diz-se geralmente, para referir-se a uma pessoa cujo comportamento representa índices de loucura. Contudo, Lauka, é também todo o ser social paranóico, fantasioso, alucinado como eu.

Tudo quanto aos porquês dos “Pré-textos”, a explicação é simples: estes contos são os meus textos iniciais e servem também de pretextos para textos futuros.

Já o termo alucinação, casa com tudo isto, (com loucos e pretextos). Quanto ao seu conceito, a psiquiatra Erika Mendonça, entende que, a alucinação é uma percepção de coisas irreais, sejam elas imagens ou sons, mas que o paciente acredita com convicção de que são reais.

Ora, veja, se acrescentarmos um novo termo, nada a ver com a justificativa do título, mas que tem a ver com a intenção que pretendo terminar este pretexto. Seria, então, o termo culposo. Tendo noção de que, (culposo) é o termo jurídico, que se diz da acção, ainda que possua culpa, foi realizada sem que o indivíduo soubesse quais seriam as consequências ou o resultado do seu acto. Então, podemos concluir

Bajosse Baca

que, a crença irrefutável sobre toda irrealidade, em que o indivíduo aja e sua acção possua culpa sem que o mesmo tenha noção das consequências das suas acções, é visto como alucinação culposa e, essas prosas experimentais são nada menos que o fruto do meu eu, alucinante e culposo?

A questão é solta, assim como vós sois, portanto, respondem como bem entenderem, pois, a mim, cabe apenas desejar a você, macho; fêmea ou mistura de ambos, não necessariamente uma confusão total, mas acima de tudo, leitor no seu estado espiritual, uma óptima viagem aos primeiros contos deste eterno aspirante a escritor.

Boa Leitura!

A'LAUKA

I

ALAUKA/LOUCO (O delírio Culposo)

(1º CONTO)

Alauka, testemunhou o seu primeiro e único delírio culposo, quando o cinzento do Inverno já expirara. Somente o verde-flavo pouco presente no começo das épocas secas, expunha o charmoso final do Verão. Propagando assim, o início do Cacimbo.

Neste cenário, frio, agradável, a meu ver. Alauka, marchava lentamente, demonstrando ligeiro desinteresse em prosseguir. Mas, vagarosamente, aproximou-se do carro estacionado já algum tempo perto da estrada principal do ponto final (Ilha de Luanda).

Alauka, wey mestiço, detentor de um olhar penetrante, mas desgastado, batia insistentemente a porta dos fundos do corredor da velhice exibindo adolescentes pelos grisalhos, o que acusava um certo conhecimento da própria existência, pois, percorria trilhos posteriores o desfalecer da juventude. Tal, ostentava uma certa antipatia social, forjada nos seus atípicos distúrbios dos sentidos: visão nebulosa, olfato permutado e paladar

Bajosse Baca

identificável, porém, a audição e o tacto se mantiveram perfeitos. Na verdade, Alauka, era um coroa burguês com gostos e interesses diferenciados das massas. Também demonstrava um certo desdém à minoria, não no seu todo, desprezava com maior rigor, principalmente, os moradores do musseque e os idosos. Certamente, preconceituoso, como se não caminhasse a cada aniversário que fizesse para o mesmo labirinto de um dos subgrupos da minoria (velhice), cuja única saída válida seria a morte!

Já tendo noção dos próprios pecados e culpas, pôs-se a conduzir o seu luxuoso Toyota. Buscava amenizar a penalização dos erros contínuos. De súbito, foi domado por uma sonolência quase incontrollável, apressadamente decidiu contornar. Parou em frente ao mar, desceu do carro, de mãos vazias, pois a chave estivera envolvida na portanotas no interior frontal do bolso esquerdo das calças.

Em seguida, desatou os sapatos, no mesmo instante, desfez-se do relógio. Depois aproximou-se ao máximo da água, e sem medo das salgadas ondas calmas, aliviou-se na beira. Colocou os pés na água fria de modo a controlar o que ele chamaria de, delírio culposo. Por sorte, obteve meio sucesso!

A'LAUKA

Já em estado de alerta, notara a verossimilhança da maré-alta. Afastou-se um pouco da água, ficou em pé na areia. Tão logo apercebeu-se que estava ali praticamente sozinho, quieto, sentindo a brisa. Nada de extraordinário acontecera (vulcão em erupção ou tremor de terra).

Ainda assim, o dia seguia anormal, trazendo-lhe companhia indesejada: um robusto cão (preto), de raça popular (rafeiro), que farejava restos de comida. O cão passeava vezes sem conta na retaguarda de Alauka, obrigando-o revirar-se uma vez ou outra para afugentar o animal. O gajo, velho burguês, que na maioria das vezes sentia-se intocável, compreendeu espontaneamente que o cursor do tempo controla-se de modo autónomo.

Em seguida, Alauka abalou-se com a imaginável realidade e, na imensidão de um delírio, viu de longe uma menina idêntica a “Marta”, (sua filha).

Marta era uma miúda da elite, mas empática a gajos do musseque, por conta disso, as makas com o velho eram constantes.

— Marta, és tu? — Berrou ao passo que se aproximava.

A dois passos dela, notara que a menina não era a Marta, a mesma implorava-lhe por um pedaço de

Bajosse Baca

pão; uma garrafa d'água, um pouco de amor e compreensão. Esta realidade ampliou o seu autojulgamento (velho impotente e pai fracassado).

— Marta morreu na semana passada sem se reconciliar de mim, e eu, amava-a muito! — Admitiu.

Poucos minutos depois, o seu corpo negava a mover-se. Vivera a sensação de residir numa vasta plantação, porém, assente em terra fértil para cultivo de espinhos.

Passado já muito tempo, conseguiu mover-se. Novamente voltou a sentir os pés descalços tocando firmemente a areia do mar e entendeu que tivera um momento alucinante, talvez um encontro interior de si. Finalmente, a alma encontrou o caminho de regresso ao corpo. Antes, engatava-se em nó, umas listradas, algumas estampadas e tantas outras sem qualquer ilustração.

Após a meditação, Alauka foi invadido por memórias ainda frescas. Adiante... Os revirados gostos e querereres singulares vieram à tona como causas da sua ausência paternal.

— Afastei-me da Marta por orgulho (pensar e agir egoísta)! — Reflectiu de braços cruzados colados ao peito.

— Acredito ter visto tudo da Marta, um tanto do belo/doce, um pouco do feio/amargo, e mais um

A'LAUKA

pouquinho da fusão, já ela, viu apenas a minha versão amarga. — Acrescentou ao contemplar o seu rosto magro reflectido na água.

Afastando-se definitivamente da beira-mar, fintou os atadores negros, vestiu o pulso e, aconchegou-se novamente no carro. Lá, maravilhou-se de lembranças da Marta. O momento servira de luz, o despertar de um enfermo em coma; igual erguer o guarda-sol meio a amadurecida chuva. Naquele encontro perfeito de si, fizera-lhe ser um ser renovável “melhorado”.

Daí, ganhou coragem para prosseguir... Subiu no carro, afrouxou propositadamente o cinto de segurança e com os olhos revirados no banco pendura, lembrou-se que a Marta sempre estivera sentada ali. Após as sucessivas lembranças, reforçou o seu desejo de sucumbir definitivamente para posterior, numa vida pós-terrena, tornar-se um pai aperfeiçoado.

Por fim, colocou as chaves na ignição e conduziu velozmente em direcção ao cumprimento da sua curta agenda laboral... (A morte)!

Bajosse Baca

FUNGA/MISTURAR (O Embaraço)

(2º CONTO)

Ao abrir a porta da velha cabana, a mata se apresentara calma. Às primeiras horas do dia foram confusas, pois a tranquilidade da mata se perdera gradualmente. O som das águas correndo sobre o rio chegara invasiva nos meus ouvidos, de súbito, outro ruído, mas este, era desconhecido, julguei ser o som do grilo, depois, um piar sufocado. Não vi o grilo, mas o pássaro ferido procurava abrigo e veio espontaneamente na minha direcção.

Percebi logo que o barulho estranho era provavelmente de um caçador descuidado que atingiu o pássaro com umas das suas armas de caça.

Senti-me culpado e responsabilizei-me em cuidar do pássaro das asas feridas.

Coloquei sobre à terra sua refeição diária, cereais, e assim fi-lo o meu ouvinte.

— Gabriela! Este era o nome dela. — Exclamei atenciosamente para o pássaro que me ouvia desatento enquanto farejava aveias espalhadas pelo chão.

O pássaro parecia sorrir, embora os seus dentes não fossem visíveis, se é que tem?! Mas ele sorria, e é fácil notar o sorriso de qualquer ser vivente por conta da sua expressão facial da emoção, o rosto

A'LAUKA

entrega-nos, o sorriso oferece características próprias, já que, quando o sorriso nos ataca, os elementos do rosto ficam flexíveis, entram em harmonia dançante. Talvez até os insectos sorriem!

— Gabriela, e só? — O provável sorriso repetitivo do pássaro parecia colocar essa questão no ar, e para não desapontá-lo dei-lhe informações acrescidas.

— Eu tratava-a carinhosamente por minha dama; meu mambo, meu naco. Mas ela, preferia que eu a tratasse por Gab ou amada. — Acreci e o sorriso do pássaro se perdera em concordância.

Eu e a Gab não nos acercamos efectivamente debaixo do mesmo teto, também não nos acorrentamos por lei; nem na presença de um santo padre, ou em qualquer ritual tradicional que comprovasse o nosso compromisso, mas, dormimos inúmeras vezes sobre a mesma cama, com isso, os nossos espíritos nos pertenciam mutuamente.

Após a brusca separação entre a alma e o corpo da Gabriela, os meus olhos ficaram aprisionados a Gab, dominados pela sua inexistência voltada nas suas aparições. Nessas aparições ela comportava-se a margem das exigências da sua idade, parecia nova, não só por ser baixinha, sem iniciais rugas ou celulites, mas também porque nela era invisível a

Bajosse Baca

inteligência de uma ser vivente há mais de trinta cacimbos.

Ela possuía um olhar sedutor rendilhado nos seus olhos castanhos; somente beleza externa, sem nenhum encanto intelectual. Entretanto, na ausência do carisma literato, era o seu corpo asseado que me aprisionava todo. Por isso, irritava-me tê-la como dona das minhas aspirações amorosas.

— Logo você, tão racional e culto! — Ajuizou o pássaro ouvinte sem mover o bico, mas percebi a ironia no seu olhar discreto. Pensei afugentá-lo, porém, agradava-me à ideia de contá-lo mais a respeito da Gab.

— Pois é! Já ela, sem controlo dos seus anseios carnis, não passava de uma mulher comum. — Conclui de voz activa.

O pássaro ouvinte assustou-se, floresceu as asas já saradas e voou sobre os galhos das árvores que ofertavam o verde em contraste com o colorido céu.

A única companhia real deixou-me, o pássaro silenciou-se, fez-se mudo e surdo, igual à Gabriela, e novamente segui só. Até o último Verão, quando houve um dia em que me precipitei no provável desfalecer do dia. Das dezassete horas só restavam já poucos segundos, era eminente o morrer da tarde

A'LAUKA

e o nascer da noite. Nesta circulação de tempo vi a Gabriela, vistosa, húmida amparada por uma brisa que me persuadia a volúpia. Ela balançava a sua bunda avantajada meio a chuva miúda que caia preguiçosamente, a paisagem era majestosa, embora o clima fosse incompatível com o solo que habito.

À terra argilosa dificultava a transição do percurso de regresso a casa, mas o barro não impedia a Gabriela de acompanhar harmoniosamente os meus passos; corre-corre, anda-para. Tentei driblá-la, mas sem sucesso, no entanto, cheguei em casa entusiasmado. Brotei a ilusão de voltar a vê-la nua, quis desvestir-me; saciar a contínua liberdade que a ideia do (nudez) da Gabriela impusera-me, porém, a fechadura travada da porta principal privou-me de desfazer-me das vestes. Tão logo tentei concentrar-me e matar a ilusão no mesmo instante que arrisquei sustentá-la.

Agitado, aventurei-me em abrir a porta às pressas, todavia, o nervosismo enganara o simples e, fê-lo complexo. Adiante, a satisfação distanciava-se ao passo que eu introduzia as chaves sucessivamente de modo falhado. Primeiro, introduzi fielmente uma, a fechadura respondeu negativamente, (manteve-se trancada), em seguida a outra, novamente travada...

Bajosse Baca

Voltei a olhar para Gabriela, a vi mostrando sensualmente o peito decotado no surtiam vermelho sorrindo descaradamente, ela estadeava os dentes, cor de neve escoltada pelas mordidelas no lábio.

— É um facto: a Gabriela gosta de provocar-me. —
Afirmiei.

Naquele instante desacelerei a introdução das chaves, consagrei aquele cenário, ao passo que crescia em mim o desejo de tê-la de novo, mas, vagarosamente, atingi a lucidez e como em outras tantas vezes a reneguei novamente.

— Não, não, não posso, não posso! — Exclamei revoltado.

Revirei novamente e concentrei-me na sequência das chaves que introduzia, desembaralhei-me lentamente. Parei de dar atenção aos jogos de sedução que Gabriela inventara. Segui concentrado, na intenção de abrir a porta, depusitei todas as chaves no chão, em seguida, introduzi uma seguida da outra, e posteriormente, descartei as já experimentadas.

Ao abrir a porta veio-me em mente a ideia de marcar uma consulta com algum profissional da sanidade espiritual, ao passo que, desejava também, simbolizar as chaves; colocar algum catálogo, principalmente, naquela penúltima que abriera a porta.

A'LAUKA

Entrei, finalmente! No auge do entusiasmo deixei a Gabriela se mostrando para natureza.

Apressadamente o meu ânimo se perdera no silêncio da casa, aí retomei a consciência absoluta outra vez.

— Oh! Gabriela! A tua versão humana morreu, esta sombra de ti até quando me perseguirá? Agora és somente pó, um espírito que habita nos corredores do meu querer. Gabriela, Gabriela, vá e não volte mais! — Exigi com autoridade e peito inchado.

Após impor a força da palavra, retrocedi para mim mesmo e confiei inabalavelmente que o pássaro ouvinte voltaria a piar, de pronto ouvi o seu piar vindo da janela meio embaçada que oferecia uma imagem confusa assim como as minhas percepções, depois, vi o pássaro batendo com o bico vagarosamente à janela vidrada.

Posterior, o pássaro falara igual à Gabriela, a Gabriela transformara-se no pássaro e subitamente ambos evaporaram!

Bajosse Baca

KELULUÍSA/FAZER CHORAR (O Fantasma De Kini)

(3º CONTO)

Keluluísa, acreditando na suposta visão que tivera, despertou-se no meio da noite e pôs-se a rir alegremente. O seu sorriso, numa primeira instância, gigante e calado, a deixara fluir sobre os destroços do escusado sonho.

Contudo, conservou-se sorridente após a fragrância de Kini apoderar-se do seu estreito e fino nariz emparelhado ao rosto magro, enquanto o escuro do quarto jazia diante de si, impossibilitando-a visualizar os imóveis. Ainda deitada de barriga para baixo, tateou a cama, depois o travesseiro em busca da presença de Kini, ao notar a ausência deste, abriu subtilmente os olhos, mas, voltou a fechá-lo e ríspidamente adormeceu na ilusão de voltar a vê-lo.

Toda via, Keluluísa não sentiu a presença de Kini igual no sonho anterior. O desejo de tê-lo levou-a a repetir o mesmo gesto ao amanhecer: tateou a cama, depois o travesseiro umas cinco vezes ou mais, como se fosse um rito sagrado.

Keluluísa, vagarosamente, forçou o seu corpo a obedecer à ordem que ela também rejeitara impor. Entretanto, apesar de opor o seu querer, fez somente o necessário e, após travadas certas dúvidas de si,

A'LAUKA

abriu os olhos, sentou na cama e perdeu-se por instantes no vago pensar.

Surgiram-lhe inúmeras recordações, o amargo do adeus dominou-a, rasgando-a o peito, deixando-a submersa a dor. Keluluísa, lacrimejou assim, um húmido minúsculo num choro miúdo e mudo, depois, o choro miúdo e mudo, foi crescendo gradualmente, ganhando voz e o húmido minúsculo, transformara-se num velho mar.

Num instante, o sal do (esfera) adotara os seus olhos como novo lar, tomando o seu sorriso que deixara de florescer.

Keluluísa, sentindo o gosto do abandono, negara a impossibilidade de voltar a tocar a pele de Kini. Todavia, negara a verdade; negara a realidade. Queria mais dele, ainda que fosse só em sonhos. Queria mais do paladar amigável do beijo ilusório de Kini, queria perder-se mais no abraço aconchegado que ele oferecera no seu sonho.

Keluluísa, voltada no escuro que lhe envolvia o quarto, sustentou a necessidade de ser o seu próprio abajur, encadear seus quereres, e assim, na ausência do objecto, Keluluísa, finalmente, levantou da cama apesar do amargo que sentia. Andou desanimada até a porta do quarto, encostou-se na lateral esquerda

Bajosse Baca

da parede onde se encontrava o interruptor e ligou a lâmpada. Tal gesto trouxe-lhe reflexões inéditas: “Minha luz se esconde de mim, ou me escondo dela?”.

Após a interrogação, abriu a janela e, a luz do dia, abordou energeticamente os seus olhos. Tal luz parecia sorrir para ela, convidando-a a sorrir de volta para o novo dia que nascia, naquele instante o seu sorriso voltou a assentar-se no seu rosto.

Posterior ao despertar do sol, assim, puro, Keluluísa, se deixou invadir pelo cheiro de terra seca, estadeou alegria de braços abertos e pensou, positiva: “Aceito o convite, hoje viverei intensamente o dia”.

Depois do acordo singular, cobriu o seu corpo quase despido, convidando a toalha branca para juntar-se a cueca escura que vestia. Em seguida, saio do quarto de modo a higienizar-se. Posterior a purificação rotineira, Keluluísa, ficou menos tensa e convicta de que, o Kini, não passava de um sonho bonito que a impedia de olhar a realidade com a mesma beleza que o sentia em seus sonhos.

Por fim, num gesto de grandeza, determinou: “Kini jamais me fará chorar, não voltarei a derramar lágrimas por quem desistiu de mim por espontânea vontade! Kini, amo-te, admito! Mas amo mais a mim

A'LAUKA

e resgatarei a minha luz perdida em mim. Este é o meu adeus, encomendado há dois meses depois da tua partida, e só hoje chegou, ainda empacotado a cheirar novo, é o adeus de mim para o teu espírito que insiste acompanhar-me em meus sonhos. Então digo Adeus! Este é o meu adeus após o teu. Adeus Kini... Adeus!”.

...

Dizer adeus pode ser fácil, enquanto o processo mais duradouro vai além das falas, o difícil é realmente esquecer, pode se observar esta verdade na outra versão da história, a versão original, aquela que a demência da Keluluísa ocultara.

...

— Estou farta de ti. — Disse a Keluluísa para o fantasma do Kini. Sim, fantasma, porque o Kini já não existe, não só em sua vida, mas na vida de todos que o amavam, um facto que ela, a Keluluísa. Deixou escapar no seu triste lamento. Este facto está agora entre nós. O Kini, não a deixou sozinha por livre espontânea vontade como ela nos fez acreditar. Afinal, Kini, está morto e o seu fantasma assombra as particularidades emocionais da Keluluísa.

Keluluísa ficou viúva recentemente, Kini, morreu repentinamente quando ambos comiam-se. Em fortes

Bajosse Baca

transpiros, o homem parou de transpirar. Por conta disso, a Keluluísa virou alvo de toda categoria de chacota, falsas acusações e outros insultos imagináveis.

— Vadia, encardida, assassina, foi ela, sim! Foi mesmo ela. — Ouvia-se estes, e outros dizeres ofensivos direccionados a uma leal e cuidadosa esposa que a Keluluísa foi.

— Como pode! O homem vai dormir com a mulher em pleno acto sexual, acontece o tal facto que ela e os seus amantes “investigadores, advogados, doutores e doctores”, chamam de, parada Cardíaca? — Interrogavam as cunhadas.

— Essas miúdas sabem muito! Agora até veneno para pôr na vagina e posteriormente, matar o marido por essas vias já produzem caseiro. Imagina o que uma meretriz de quinta consegue fazer para ficar com os bens do esposo? — Acrescia a sogra.

Aproveito este momento para interrogar-vos, assim como me interroguei: as mulheres, parecem ser, eternas rivais uma das outras por quê? Tenho as minhas suspeitas, mas não pôr a minha pobre opinião neste nobre conto.

Entretanto, as provas indicavam inocência dela, mas a sogra e as cunhadas espalhavam as falsas acusações. Por fim, meio a tantos comentários

A'LAUKA

maldosos, Keluluísa seguia fria, e céptica, deixou de acreditar na compaixão humana e, vivia sobe a sombra do fantasma de Kini, enlouquecendo gradualmente, por essa razão, inventou para si mesma, outra versão da história, uma versão inexistente.

Bajosse Baca

EKUNDA/FALSA FÉ (Liamba: Meu Pica Fodido!)

(4º CONTO)

No duelo transitório, o crepúsculo vespertino vencera o crepúsculo matutino como nas outras tantas vezes. O entardecer fizera o trabalho sujo e coach, nocturno, acompanhado só incentivava “vai, bate forte, gira para esquerda; direita, agora K.O!”.

Posterior ao duelo, o crepúsculo vespertino acoplado ao nocturno alegaram legitimidade carismática a rainha estrela e aliciaram-na a mostrar-se audaciosa no firmamento para juntos gozarem o domínio sobre os astros em mais uma noite de Verão. Todos os outros concordaram, pois, viam nela o mesmo que, Max Weber, chamaria “carácter exemplar de uma chefe fora do comum, dotada de um carisma e graça sem igual”.

A rainha estrela aceitou a proposta, mas sábia que era, sugeriu que, celebrem-se cautelosos sem fazerem chacotas ou qualquer outra categoria de insulto desnecessário. A rainha estrela tinha noção de que, ao amanhecer, certamente, o astro-rei detentor da legitimidade tradicional dominara-os novamente. Entretanto, nas épocas secas, no cacimbo, por exemplo, a neblina se sobreporia diante do crepúsculo vespertino e o nocturno não mais exhibiria o brilho das estrelas que também não

A'LAUKA

ousariam opor-se a neblina no Inverno sendo que, tornar-se-iam fracas e fuscas naquela época.

Afora os astros, debaixo do céu havia um jovem escritor, já com uma certa fama, após ter lançado algumas obras bem conseguidas em todos os aspectos: enredo, edição, promoção e outros. No entanto, Ekunda, vivia uma época de pouca inspiração, o que lhe propunha plagiar a originalidade, disciplina e sabedoria dos astros.

Servira de exemplo o sair de cena destes, sempre que fosse necessário para regressarem mais energéticos num momento cómodo. Ekunda, quisera também protagonizar o gozar da sua arte, via no brilho das estrelas seu poema, na força do sol sua prosa e na combinação de ambos sua poesia. Então lançara sobre o papel branco seus miseráveis escritos.

Ekunda, cuidadoso, como um ladrão profissional, escrevera a lápis, o que lhe permitia destruir trechos que lhe pareciam piores, mas todos eram maus! Então, com poucas ferramentas para aperfeiçoar-se, procurava somente manter a versão menos pior dos seus escritos. Movido por um agir automático, como lei predominante, cujo estado laico respeita em nome do pai santíssimo.

Bajosse Baca

Ekunda, apagara os piores trechos na mesma velocidade que os escrevera. Assim acontecera até a outra noite. Após outro combate temporal, na noite de lua cheia, Ekunda revisou seus escritos, apagou-os e transcreveu-os sucessivamente. Depois, já no ápice do desgosto, recolheu os papéis pinchados e rasgo-os descontente.

As estilhas se perderam no entulho da roupa difundida no chão castanho. Enojado com a própria falta de talento, saio do quarto. Ficou em pé no centro do quintal coberto por um muro trajado a cor cinza. Parado apreciando as estrelas, mexeu-se num subtil elevar das mãos à cabeça.

— Dê-me inspiração! — Ekunda, suplicou ao astro, mas este, se manteve calado e nenhum milagre fez.

Passados pouco tempo, Ekunda pousou a sua alargada cintura na isolada cadeira de fitas azuis estadeada no quintal. Sentado retirou do bolso direito da camisa listrada que vestia, o volumoso pedaço de papel castanho que servira para empacotar cimento e pôs-se a reclamar:

— Santos Céus, já não escrevo nada prestável!

No final do desabafo, Ekunda já ia enrolando as últimas porções da erva de Canábis que usara naquela e todas as noites da semana passada. De antemão acendeu-os e pôs-se a viajar...

A'LAUKA

— Do bom Pica! Essa é de Malanje! — Exclamou.

A canábis era a sua estupefaciente de eleição, consumia-a em busca de inspiração quando escrevera os seus best-sellers, mas nunca a escrevera em uma linha sequer dos tantos versos que já produzira. Todavia, parece que naquele momento o efeito da droga o deixou num feitio de gajo em alta alucinação e falou telepaticamente com a erva:

— Nós só sobrevivemos já né? — Disse o Ekunda para si mesmo enquanto tragava e, em resposta, ouvira pela primeira vez, a voz estrondosa da erva falando em sua mente.

— Ainda estamos vivos. — Concluiu o Pica.

Ekunda, assustado; inseguro, tentou manter-se firme e deu uma desesperada tragada na liamba que exalava o seu cheiro forte sobre o quintal. Ficou calado enquanto procurava a proveniência da estrondosa voz. Depois, num momento de menor conflito emocional, incompreensivelmente deu sequência ao seu estranho monólogo:

— Vivos nós estamos e na merda viveremos.

— Oh! Estamos na merda? — Questionou-lhe o Pica.

Bajosse Baca

— Óbvio que sim, não vês? Estamos na merda meu Pica, não é segredo ué! Mas vamos indo nas calmas, tipo nada vamos chegar lá.

— Chegar lá onde, na merda?

— Não é isso meu pica, apenas quero dizer que, concretizaremos os objectivos. Um dia voltaremos a escrever os melhores poemas, crónicas, romances, novelas e contos sobre os astros; amor, chá, café, chocolate e cigarro. Só não dá para desistir, pois, a luta é contínua e diária, não se desesperemos tanto... ainda que pareça tudo trevas, acreditaremos haver luz em algum ponto, só precisamos focar-nos com garra e firmeza no objectivo. É notório: coisas boas e más fazem parte da vida, é assim, a vida é uma merda mesmo ué! De vez mais merda que outra. A vida pode ser mais merda para alguns e menos merda para outros, mas geralmente, a vida é uma merda mesmo e, os vivos devem saber isso!

— Sabe Ekunda, tu não és só uma falsa fé igual o significado do teu nome, mas também és um falso pregador. Agora responde-me: concretizaremos os objectivos, ou concretizarás os teus? Olha, seja mais sincero, quando voltares a escrever os melhores poemas, crónicas, romances, novelas e contos sobre os astros; amor, chá, café, e chocolate, retira o cigarro e fala de mim, tudo será mais poético, eu sou

A'LAUKA

a poesia que você procura. Escreva-me em letras maiúsculas “LIAMBA”. Por favor! Nunca te pedi nada e já te dei muito! Por isso a tua vida artística está uma merda, você não é sincero com os teus escritos e nem consigo mesmo. Quando escreveste os teus maiores sucessos eu estava lá, eu te ajudei, sempre que me consumias eu te inspirei. Mas você anda cego numa perspectiva de escrita ocidental. Nunca falaste de mim nos seus contos com ou sem paixão. Nunca sequer pronunciaste o meu nome como tal, assim deste modo, íntimo e amigável como me trata agora, “meu pica”. E quando for me descrever que fale de mim tal como sou tratado pela maioria angolana “LIAMBA”, e não te esqueças de escrever a maiúscula. Nem sei o porquê me dou o trabalho de dar-te dicas, tu fazes o oposto, escreves sobre estrelas, sol e cigarros. Cigarros, sério! Cigarros mesmo Ekunda? Que mal gosto! Cigarro nem é tão consumido em Angola, quer seja pelos artistas consagrados ou por anónimos. Eu predomino no musseque e na city. Tu tens de ser sincero com o público que te lê. Cigarro é das mídias né? E eu sou dos bastidores? Todos vocês me consomem e poucos admitem! Você precisa focar-se em mim, eu te coloquei no auge e desejo te retirar, mas, posso

Bajosse Baca

elevante-te, desde que desistas de escrever sobre cigarros, caso contrário, usurpo toda inspiração que um dia te dei! — Expos o Pica rigorosamente o seu descontentamento.

Parece que o momento de loucura servira de maior inspiração artística e após ouvir as exigências do pica, Ekunda agradeceu:

— Obrigado por inspirar-me mais uma vez meu pica, você nunca me deixou mal.

Ekunda, deu a última tragada que já morria na fumaça que se finalizava com elegância e levantou-se da cadeira. De súbito, saio do quintal, retornou para quarto e posto lá, apoderou-se do papel e da caneta que se acasalavam nos imóveis preto-branco. Por fim, executando mais uma obra-prima, em linhas grossas e sem tremor dos dedos, escreveu alguns textos longos, não sei muito sobre o conteúdo daqueles escritos, mas lia-se claramente, em título de todos: “LIAMBA: MEU PICA FODIDO!”

A'LAUKA

IAMBULA/DEIXA/SOLTA (Zero, pôr fim à solta)

(5º CONTO)

Num constante sonhar e acordar, a alucinação distanciava gradualmente o Lauka da realidade. Tudo era centrado entre a noite e o dia. Primeiro, é noite, depois, é dia, novamente, noite; dia. O desafio era pôr fim à solta, todavia, para prosseguirmos e posterior, “pôr o fim à solta”, é preciso antes compreendermos o termo entre aspas. Assim, “pôr o fim à solta” é a frase que ele, o Lauka, repetira em seus descontrolados sonhos. Era o seu jeito peculiar de suplicar o termino de algo que há muito começou; dar fim ao mal que há muito persistia existir; é o mesmo que deixar ir o que, até então, nos impede de seguir adiante. Neste sentido, o que o impedia de seguir eram os seus sonhos confusos, estranhos e espontâneos.

— Eles têm vida própria, surgem do nada e tendem a baralhar-me. — Proferiu em tom de confissão.

Este facto fizera com que o nó dos equívocos apertasse mais ainda as experiências incompreensíveis que ele tivera. A primeira alucinação, começou na noite miúda que se evidenciava no firmamento que o viu nascer. A lua captou-o sorridente. No solo, o seu sorriso

Bajosse Baca

acompanhava a lua, depois, desviou-se, sorriu para o astro de outro lugar. Lá, nesse novo lugar, já não era noite, pois ele, o Lauka, amanheceu longe da Lua e do mar, acordou no meio do deserto. Andou descalço ritmando passos que alegavam gostar da poeira dançante, tanto quanto ele gostava do húmido após a chuva, mas não choveu.

Entretanto, negou e renegou gostar também dela, da lua, da dama, da pequena.

— Seu nome é lua? — Lauka, questionou mudo, e o vazio em resposta entoou a sua remota canção silenciosa.

Lauka, insistente, contrapondo o vazio silencioso, impôs em fala. — Você mente. A lua também mente? Vá adiante! Mente-me como sempre, mentirosa! Pode mentir, já que os astros e os fenómenos naturais estão rigidamente a desfavor do meu querer, para desenharem no céu, prazer; gozo, o seu seio fartado.

Mas a fartura, o gozo da fruta, o prazer do seu seio descreve toda uma realidade social feminista fracassada? Farto-me também do céu, da lua, do terramoto, do tsunami, do remoinho de vento e do dilúvio. Não te pertença, não sou seu, não te desejo. Rejeito sujeitar-me a ti pequena-mente. Desvincula-me, disfarça(da)mente sua pequenez intelectual.

A'LAUKA

Desgraça(da)dança, valsa, salsa, verde, esperança, falsa, engraçada, farsa, drama, dramática. Oh, mulher dramática! Sou eu o dramático? Dama, desajeitada ortografia, gramática desregrada.

Dama, mexe a bunda e eleva-se muda, molda à moda, à estética literária que, até então, consagrei. Faça e disfarça, na adição és o elemento neutro (ZERO), totalidade inútil. Uma vez que, a intelectual em sua mente pequena, mente.

Lauka, visualizando novamente a lua, apontou o indicador para a dama, a pequena, enquanto vivenciava outra alucinação confusa. Agora, prestou breve homenagem à terra, pois, caído de joelhos, esfregou-se ignorante num outro espaço, um novo lugar, diferente do primeiro, distante do segundo. Viu a noite já adulta e, pela primeira vez, ouviu a desconhecida voz dela.

— “Iambula, iambula!” — Gritou a voz desconhecida.
— No escuro persuadis-me a soltar. Deixar o ego e sujeitar-me a ti?! Nego, Renego. — Rebateu o Lauka.

No outro grito desconhecido, Lauka, espantou-se, transpirando, soado e subitamente voltou a dormir, aí começava o sonho mais longo. Meio ao vento forte, a chuva caindo depressa. O cheiro de terra molhado abafava o olfacto que ele julgava

Bajosse Baca

dominar. Tentou desviar-se outra vez dela, da lua, da dama, da pequena, da desconhecida, sem paladar, sem corpo, cujo ser abstracto, não se sente no tacto atento, não se ouvi na audição matina e não se vê na visão diurna.

Noutro breve instante, dominado por um silêncio triste, Lauka soube que já era meia manhã.

Ele não indagou quanto a existência da desconhecida, embora a sentia mesmo sem a ver ao amanhecer, apenas usou este factor (de ela existir só em suas alucinações) como pretexto para soltar-se, distanciar-se definitivamente dela, da lua, da dama, da pequena, da desconhecida.

— O dia novo, o novo dia, o dia nublado, o céu escurinho, preto-e-branco. — Descreveu. — Negro? — Questionou-lhe a desconhecida. — Não. — Respondeu franco e continuou: — Cinco horas da manhã, o frio à solta.

Depois, como se houvesse uma briga entre eles, Lauka, exigiu:

— Iambula, iambula! Solta a minha mente, solta, pequena, solta! Ouviu? Ouviu-me. Este é o fim à solta, talvez ofereça zero compreensão, mas se adicioná-la à qualquer outro facto da sua vida social, fará sentido, pois, este é o Zero, o elemento neutro

A'LAUKA

na adição, porque o que é adicionado à zero resultará a si próprio.

Entretanto, surgia de concreto o novo dia exibindo uma manhã esbelta e clara, enfim, um dia bonito. Lauka, em tom autoritário, como se quisesse transmitir uma mensagem para quem procurasse compreender os seus sonhos, finalizou:

— Espero que não entendas, este é o fim à solta!

II

EXIVI DIA NZOLA/MILAGRE DE AMOR (O Início)

(6º CONTO)

Néngua, a prometida mãe de Exivi, acordou de consciência voltada a irreabilidade. Espreguiçou-se de olhos fechados, ansiosa, revirou-se seguidas vezes de um lado para o outro sem desejo algum de levantar. Pestanejou lentamente, depois, voltou a fazê-lo com maior entusiasmo. Noutra instante, abriu já os olhos e encorajou-se para levantar da cama.

Desfez-se calmamente do lençol. Andou até a cozinha e manteve-se imóvel por alguns instantes ao apreciar o reflexo de si na prata do objecto de alumínio que servira de brinde do seu casório.

Néngua, via-se ali, linda, sorridente e pensou nele, no Sekele, o prometido pai de Exivi. Num suspiro de alívio voltou ao quarto e deitou-se asperamente para que o Sekele, notasse a áurea do dia especial, pois, naquele dia, a aflição perdera definitivamente o domínio costumeiro que mantinha sobre eles.

O céu observou-os expectante a partir do momento em que a Néngua desadormeceu cedinho, energética e segura. O casal estava de férias ao

A'LAUKA

estado estresse e em seus respectivos empregos. Não havia então a necessidade alguma de levantarem às pressas. Permaneceram algum tempo enroscados, expugnados na cama.

Para ser sincero, naquela fase, era moda levantarem tarde, já que, passavam a noite toda a coabitar num vaivém, balançado de lá para cá, sobe, desce (senta no pula, pula) por horas seguidas. Mas não esperavam nada, nada de extraordinário acontecer, porque se acomodaram com a triste, deprimente e complicada condição. Porém, milagres de amores acontecem quando o casal se envolve na constante troca de carinho.

— Amo-te, Néngua! Ainda sinto a magia dos teus beijos como antes. Nada mudou, continuas sendo a minha doce mulher. — O Sekele, notou o entusiasmo da Néngua posterior ao beijo. Pois, ela estava trémula, e ele, tentou confortá-la. Apressadamente ofertoulhe um abraço quente, deu-lhe outro beijo molhado. Como a Néngua chorava, o segundo beijo mimoseava sal. O Sekele, teve também de enxugar as lágrimas dela.

— Por que choras, minha alma gémea? — Perguntou centralizando os seus olhares. Escorriam gotinhas de lágrimas no rosto da Néngua, quando sorriu e disse:

Bajosse Baca

— Choro de felicidade e sorriso pela liberdade alcançada. — A Néngua tinha palavras sobrando, sua pele seguia arrepiada. — Abraça-me mais forte. — Exigiu chorando, simultaneamente, sorria. Então o Sekele abraça-a forte e deu-lhe um terceiro beijo, mas este, com um peso amigável, afinal, além de casados, eram, também, os melhores amigos. Apesar de a Néngua ter sido expressiva, o Sekele ainda estava confuso, custava-lhe acreditar que o carrasco da sua história de casado foi finalmente derrotado após sete anos de várias batalhas perdidas, sonhos frustrados, e vidas não vindas. Meio as incertezas em busca da claridade, optou por perguntar de forma directa. — Amor, é mesmo isso?! Estamos livres do fantasma? — Perguntou esperançoso. Em forma de resposta objectiva, a Néngua retirou da cabeceira um envelope que parecia vazio, mas não, no seu interior continha o objecto branqueado, curto e estreito. — Então, aqui tens a resposta, consegues fazer a leitura dessas duas linhas avermelhadas? — Perguntou erguendo o objecto com a mão esquerda, ajeitando a direita para brotar esperanças e seguiu acariciando o Sekele. Neste instante, já não lhe restavam dúvidas, em resposta, o Sekele gritou eufórico: — Amor, conseguimos! — Sim, sorria comigo amor, estamos livres do fantasma da infertilidade, há um presente

A'LAUKA

nosso em mim, um ser do qual teremos de dar amor e cuidados especiais está ganhando vida em meu ventre. Hoje é um dia especial marcado com a morte do nosso ser estéril. — O Sekele após ouvir os maravilhosos dizeres que há muito esperava, as palavras desabitaram nele, ficou parado diante da Néngua com o sorriso liberto e as palavras presas.

Passados alguns segundos, soube o que dizer: — Não sei o porquê só agora engravidamos, mas acredito que tenha sido o poder do destino, fora os deuses, anjos e demónios. Apenas o destino em si, com toda sua energia negativa e positiva.

O destino de vez tem a força de conduzir-nos para um determinado propósito sem nos dar alternativas de rejeição, só nos resta obedecê-lo, e tentar driblar as dificuldades que virão. Estivemos juntos na seca, viveremos eternamente ao lado do nosso Exivi dia Nzola, assim como muitas vezes prevemos, pois, independentemente do sexo, o novo nós, se vai chamar Exivi. — Sentenciou sorrindo e acariciando a barriga da Néngua ainda achatada.

Bajosse Baca

KUENDA DIAKA/CONTINUAR (Fricção, o Segundo
Passo)

(7º CONTO)

Para quem vive em Luanda sabe que o Inverno não é inferno, pelo contrário, para a maioria é paraíso. Além da estação ser boa, e fazer do clima luandense agradável, a minha amada fazia-me literalmente viver sobe uma harmonia perfeita entre a cidade e a estação. A sua disposição gerava em nosso doce lar um aspecto de paraíso em terra. Na noite passada, estivemos sem sono, para ser sincero, já alguns dias que ela não dorme directo, anda meio ansiosa por conta da gravidez.

No entanto, me vi forçado a contar estórias para ela dormir, e noutra noite, eu tivera pronunciado a palavra “fricção” sem ter dado a devida explicação, isso originou alguns questionamentos por parte dela: — No sentido do qual te referes a palavra fricção, o que ela significa? — Questionou intensificando o brilho dominador dos seus lindos olhos castanhos sobre mim.

— Nas minhas estórias, a palavra “Fricção” não foge no seu todo, do conceito exposto nos dicionários de língua portuguesa, embora esteja longe do contexto linguístico da medicina, já que, para este último, “fricção” é o acto ou o efeito de friccionar

A'LAUKA

medicamentos para fomentações, todavia, aplica-se o termo fricção a todo atrito de dois corpos que se esfregam, assim como, a aplicação de uma untura até causar calor ou rubefacção na pele, também é o mesmo que, esfregar ou roçar uma coisa em outra, causando atrito entre elas, por exemplo, friccionar o medicamento na ferida; a pele se friccionou com o tratamento. No entanto, a palavra “Fricção” nas minhas estórias ganha a dimensão de um neologismo originada na junção de duas palavras, o "frio" e a "ficção", que significa escritos de ficção feitos em... ou falando sobre... (época de frio). — Calmante expliquei.

— Oh, curioso! Amado meu, queira, por favor, contar-me uma estória de fricção para auxiliar na minha quebra de insónia? — Sugeriu rorrendo. — Certo amada. — Concordei e tão logo comecei!

...

Numa época em que a neblina tomara conta das noites e, conseqüentemente, se via forjada o pôr-do-sol, nem o luar cumpria devidamente o seu papel de enfeitar às noites. Era uma época difícil para a sobrevivência dos inaptos, solteiros. Todavia, à análoga cópula degelava ligeiramente o físico oposto.

Bajosse Baca

Era comum ver sujeitos despidos, roçados, apertados, abraçados mutualmente. Porém, a maioria unia-se unicamente com propósito de “sobreviver ao frio”.

O governo, preocupado com o desinteresse da juventude de entregar-se a laços sinceros, afectivos e, posteriormente, constituir família, criou algumas políticas específicas para repreender e controlar a crítica situação.

A fim de promover casamentos e gerar lar de sanidade mental dos seus cidadãos, o governo, descreveu claramente os actos que fossem puníveis por lei: (monogamia, masoquismo, safismo, lesbianismo, uranismo, homossexualismo e tanto outros «ismos» sobre questão sexual). Embora muitos desses actos não eram visíveis naquela sociedade, o governo as determinou como crime, talvez, numa tentativa de precaver futuros desvios.

Mas como toda sociedade, de vez, a lei escrita, só é bonita no papel e sem aplicação prática. Logo, ali, a lei era similarmente incapaz de promover a união de facto. Por fim, para travar os malabaristas profissionais que driblavam a margem da lei, o governo criou também o programa do clube de apoio a solteiros.

A'LAUKA

Os clubes tinham como objectivo agrupar o maior número de jovens inaptos possíveis, para posterior criarem laços afectivos. A experiência baseava-se em perguntas abertas e respostas sinceras entre os membros para depois sujeitarem-se a um diálogo mais íntimo entre aqueles com ideias parecidas.

...

— Quando congelados vocês preferem com a luz apagada ou acesa? — Expectante questionou a oradora.

— Para dormir, luz apagada, para namorar, tanto faz.

— Respondeu o jovem magro de cabelos compridos e unhas arrumadas.

— Eu, prefiro dormir com a luz acesa. — Contrapôs o outro, meio robusto, de cabelo curto.

— Então, você aí, o vaidoso, há uma justificativa do porquê das tuas preferências? — Interrogou a oradora fixando seu olhar para o jovem de cabelo comprido.

— Sim, há. É que de vez o escuro parece auxiliar no equilíbrio da temperatura, o quarto tende a ficar mais quente com a luz acesa, e eu prefiro dormir em ambientes frios. — Justificou o jovem de unhas arrumadas, admirando os peitos magros da oradora

Bajosse Baca

que, se visualizavam protegidos entre o vestido lã de cor azul.

— E você, por que preferes com a luz acesa? — Voltou a perguntar a oradora, mas dessa vez, para o jovem de cabelo curto.

— Ah, é simples, a senhora já reparou que a luz possibilita apreciar todas as agradáveis imperfeições do corpinho sexy dela?

— Ótimo! Então, você aí, todo jeitoso, sabe que podes apreciá-la mesmo no escuro, usando os teus outros sentidos?

— Sim, sei. Tenho essa capacidade de apreciá-la às cegas. Por isso, o tanto faz, com luz apagada ou acesa. Na hora H o importante é curtir o momento juntinho dela.

— Ela agradece. — Disse a oradora.

— Ela ainda está por vir em minha vida, enquanto isso, curto esse maravilhoso cenário imaginário.

— Se explicar é na esquadra, jovem! — Retorquiu outra colega que estava quieta o tempo todo.

— Me explico para tudo quanto é canto, desabafar é bom!

...

Entretanto, a minha amada sorrindo interrompeu-me e disse: te amo! O nosso filho será um ótimo contador de histórias igual ao pai, mas ele

A'LAUKA

não contará estórias de fricção, porque ele vai contar histórias reais. Começará contado a nossa história de amor, inculcada nessa tua história de fricção inspiradora para fazer amor. Eu sorri com os dizeres dela e, quis responder à altura, mas naquele momento me apercebi que ela já havia pegado sono.

Para não deixá-la desamparada em seus sonhos, me deitei para reencontrá-la noutro lado onde o subconsciente predomina.

Bajosse Baca

ZENGA/CORTAR (O Final)

(8º CONTO)

De repente, a rotina deles, tornou-se igual ao tictac de uma bomba-relógio que poderia explodir a qualquer momento, pois, estavam envolvidos em constantes brigas:

— Odeio-te com todas as minhas forças. — O homem lembrou-se dos dizeres da sua amada.

Ele julgava-se “Ex. Fazedor de merdas”, porque alegava as ter feito no passado. Acreditem se quiserem, tal como ele acreditou “ser um homem íntegro, um excelente chefe de família, um marido e pai exemplar”. Porém, chegou a questionar se não estava redondamente enganado, já que, supostamente, não tinha nenhum porquê, ou justificativa do comportamento de sua esposa, que o julgava traidor.

— O olhar dela naquela hora era aterrorizador. De tão possuída pela raiva, via-se o sangue fervendo em seus olhos. — Afirmou enquanto admirava o seu rosto pálido reflectido no café que se envaidecia no interior da chávena que segurava. Parou, pousou a chávena sobre a mesa, elevou as mãos vazias ao ar, e chamou em aceno a garçonete. Fez outro pedido, a moça entregou-lhe o desejado e o homem saio da cafetaria cabisbaixo. Voltou a lembrar-se da cena

A'LAUKA

que agora lhe perturbava, desenhou em sua mente o mesmo vermelho que encobria todo o encanto do belíssimo olhar de sua esposa e afastava a acalmaria daquela serena mulher.

Reviveu emotivamente o momento em que ela exteriorizava a raiva nas pronúncias. Ele percebia o ódio no olhar dela, que depois manifestava-se em atitude agressiva. Os braços dela sobre o seu peito, empurrando-o para fora do quarto com força superior a sete homens de escalão peso pesado do MMA, atrelados as declarações assustadoras.

— Tu e aquela vaca vão pagar caro, juro pela vida das crianças: mandarei matar aquela vaca e depois pedir o divórcio!

Na sua versão da estória, esta que agora vos conto, ele descrevia que se manteve calado, se propôs a ouvir os insultos; ameaças e falsas acusações.

— Falsas acusações! Tens a certeza disso? — Ela o interrogou seguidas vezes contrapondo o seu discurso contínuo “falsas acusações, são falsas acusações”.

Ele, no meio da rua, ainda atordoado sem saber ao certo o que havia acontecido, foi pensando com os meus botões...

Bajosse Baca

— Além do peixe seco que ela é, aqui da nossa cidade, já não como carne nenhuma, algum tempo! — Ele Continuou procurando motivos que pudessem explicar as acções dela. — Depois da Vasa, eu já não como nenhuma vaca aqui, nesta cidade. — Declarou em tom sincero.

Na verdade, a Vasa, era a ideal amante, o grande amor da sua vida. A última vez que eles estiveram juntos na cidade onde ele vive, supostamente, maritalmente, foi há mais de dois anos.

— Não parei de comer a Vasa aqui porque quis, mas, porque a Vasa decidiu mudar de cidade. — Admitiu.

Pelo que eu saiba, ainda não há formas humanas de se transpirar à distância. Mas então, por que raio a esposa dele, fazia tanto escândalo? Logo, o motivo das reacções recentes dela eram desconhecidas.

O homem parou de pensar e andou a passos lentos, deixando para trás a cafetaria que ficava a poucos metros da sua residência.

Chegou em casa transpirando como se tivesse corrido. Deu um suspiro de alívio ao empurrar a porta que dava acesso à sala e, colocou sobre o balcão da cozinha a sacola que carregava, enquanto a sua esposa, da porta vidrada, entre o quarto e a sala, olhava-o fixamente com desejos canibais e

A'LAUKA

maquiavélicos. Mostrava evidência que ia mastigá-lo vivo ou estrangular o seu pescoço.

Dava-lhe calafrios só de imaginar, ela assassiná-lo a sangue-frio, a faca ensanguentada entre suas artérias e após o macabro assassinato, ela juntaria as amigas para uma boda, à moda vampiras, com banquete de “sangue-carne-humana”, então, seria o “sangue-do-boi-traidor-no-aspecto”!

A cada minuto, aquele olhar assassino era mais aterrorizador. Ele notava a seriedade da coisa, embora a briga fosse só d’la sozinha, “ela, com ela mesma”. Às palavras duras, eram direccionadas a ele.

Ele congelou, estava instantaneamente assustado e cada vez mais assustado. A sua esposa parecia outra, assim de repente, uma doce mulher assemelhou-se a uma serpente, amargurada espalhando veneno por toda casa, sem se importar com o facto d’ as crianças estarem provavelmente a ouvir.

Em algum momento, passou-lhe pela cabeça a hipótese de a esposa, estar sobe efeito de alguma substância química ou, talvez, possuída por um espírito maligno.

Bajosse Baca

Pois, em brigas habituais, ela jamais agiu assim, descontrolada, movida por uma ira que não lhe cabia no peito. O homem seguiu em passos quietos temendo uma facada nas costas, mas felizmente, conseguiu chegar até ao quarto das crianças para dá-los o beijinho de feliz noite. Posterior ao beijo aos mais novos, teve um momento de luz com o seu primogénito.

— Pai esqueceu que a mulher é o único ser humano com quem Lúcifer trocou impressões de como destruir a vida d'um homem? — Questionava-lhe o primogénito.

— Do que falas, filho?

— Ah! Então, o pai não sabia né?

— Oh, filho! Seja objectivo, saber o quê?

— Oh, velho! Fica atento, então! A uma nova peça na jogada. Olha que, a Lúcifer de nome “Vasa” está de volta à cidade e fez uma visitinha cá em casa. Você já é adulto, do resto nem preciso contar.

Após a conversa com o primogénito, o homem decidiu passar a noite junto dos filhos e, ao entardecer seguinte, ouviam-se notícias nos jornais, que, um homem com as suas características fisiológicas, foi brutalmente esfaqueado pela amante porque esta, descobriu que o tal, não vivia só maritalmente e sem filhos, como a fez acreditar.

A'LAUKA

Afinal, o homem vivia numa casa nobre com cinco filhos, esposa e uma aliança móvel que saia do seu dedo quando viajava ao encontro dela, mas que era recolocado no seu devido lugar quando o homem voltava para sua esposa.

III

MENAKUNTUALA/FUTURO

(9º CONTO)

Por diferirem do resto da minha espécie, nós chamamos ele de preto, enquanto ela, apenas a olhamos como a auxiliar do preto. Aqui todos o adoram, alguns até o chamam de Deus caído da cápsula. Porém, ele mesmo se descrevo como humano.

— Sou humano do sexo masculino, ou seja, um homem alto e magro, aproximadamente com cento-e-oitenta-e-dois de altura e setenta de peso. — Diz ele para nós.

Mas todas as características descritas para podermos identificá-lo são desconhecidas por nós.

— Humano, magro e alto! O que é isso? — Nós, numa harmonia vocal, expúnhamos com a feição intrigante.

Nzenza/Peregrino de 27 anos, é um aventureiro viajante, o ar aventureiro da curiosidade de conhecer novas terras, novos habitares o consumia conforme ia crescendo. No seu vigésimo-sétimo-aniversário decidiu embarcar numa nova aventura a fim de promover às suas habilidades de estudos/pesquisas de descobertas e exploração espacial.

A'LAUKA

Por ser filho d'um anónimo empresário angolano e d' alguma cidadã britânica, privilegiava-se da dupla nacionalidade, que lhe veio facilitar a ingressar na (Administração Nacional da Aeronáutica e Espaço).

Então, pousou sobre as terras da central da NASA (cidade de Washington, D.C). A viagem foi acompanhada pelo seu braço-direito, além de tudo, sua esposa. Makiese/Felicidade de 29 anos, inteligente, companheira, fiel, centrada, e carente angolana.

A NASA já tinha quase tudo pronto, estava apenas a finalizar os detalhes para a próxima grande meta (uma viagem tripulada até ao planeta Marte), para tal efeito, precisava de mais pesquisadores. O casal alistou-se para um restrito e cuidadoso recrutamento, por sorte, foram seleccionados para uma detalhada avaliação, com isso, tiveram contactos com os melhores equipamentos para mapeamento de novos planetas. Eles estavam focados em contribuir para o desenvolvimento das pesquisas ao criarem meios viáveis para uma viagem tripulada até Marte.

Mas além da viagem tripulada, estava também em estudo novos planetas terrestres ou telúricos (planetas similares à terra, com corpos em sua maioria compostos de rochas). Até então, só se sabia

Bajosse Baca

que, a terra era o maior planeta terrestre, mas eles descobriram o nosso e baptizaram-no de “T” o planeta existente entre Mercúrio e Vénus.

Segundo ele e à sua auxiliar, o nosso planeta é um terrestre três vezes maior que à terra. Após eles terem visto a perfeição da nossa arquitectura natural pela primeira vez, tudo mudou em suas emoções, os seus quereres e vontades ligaram-se ao meu mundo, e o propósito tornou-se a realização do desejo de habitarem entre nós, ignorando assim, a grande meta da NASA. Despreocuparam-se com a lei e alinharam à sua margem, já que, eles eram trabalhadores-estagiários e a descoberta foi feita por meio dos estudos financiados pela instituição. Então, a descoberta tinha de ser divulgado em nome da mesma, porém, esse factor eles simplesmente ignoraram.

Não sei ao certo como o Nzenza e à sua auxiliar vieram cá parar, pois não acredito nas suas estórias nem nas ilusórias justificativas que apresentam. Eles não me contaram tudo, ou quase-nada, desconfio que tem mais coisas por detrás daquilo que vi, sim, vi! Eles mostraram-me algumas coisinhas por meio da VIDE, algo que eles chamam de máquina da transmissão de actos e acontecimentos humanos. O corpo da máquina contém apenas uma única peça fina

A'LAUKA

de metais mistos, sendo banhada de ouro na horizontal e de cobre na vertical. Ela é controlada por meio de dois botões, fixos à sua direita na posição horizontal: o vermelho, controla as funções ligar ou desligar; aumentar ou reduzir o volume. O verde, serve para reproduzir ou pausar e gravar ou reproduzir memórias. Sem quaisquer outros botões de controlo, o centro é sobrepujado por uma tela de mil gramas.

À VIDE é uma máquina portátil de comunicação por ondas electromagnéticas que possibilita a comunicação entre um emissor e receptor de diferentes espaços geográficos por via SMS, áudio e videochamada. Eles também usam o mesmo para tirar fotos, filmar, despertar, gravar lembretes, jogar e ouvir músicas. Além disso, usam o VIDE principalmente como GPS.

Eu acreditava que foi por meio das habilidades dessa máquina que eles nos encontraram, mas o Nzenza e a sua auxiliar, disseram-me que, à VIDE é pequena para alcançar tal feito, pois tem o tamanho e funções quase semelhantes d'um smartphones, outra máquina que eles me mostraram, feita por eles mesmos antes da fase de construção do plano para cá vierem.

Bajosse Baca

Não te assustes pelo facto de eu descrever tais objectos com mestria, aprendi porque eles me explicaram minuciosamente como eram as coisas em seu mundo, tudo que nele existe, só ocultam a estória por detrás da vinda deles que, também fui observando a partir das imagens de vídeo transmitidos pela VIDE.

Nas primeiras imagens conferidas na VIDE, o relógio marcava duas-horas-da-madrugada de Sexta-feira do dia dezasseis de Julho do ano 2022, à madrugada estava semigelada, e às ruas já caladas.

O frio apropriava-se sobre o físico estreito dele e ela pronta para abraçá-lo. À cortina azul no meio da vasta sala separava o seu local de eleição da restante parte da casa, são várias às vezes que ele trocou o seu belo e confortável escritório para se acomodar naquele cantinho, mas dessa vez, não estava só, ela fazia-se presente na idealização do momento perfeito para o lançamento da cápsula de envio para o planeta T.

— Posso apertar. — Perguntou o Nzenza, convicto das suas acções.

Makiese, ainda insegura, já perdendo todo o seu semblante natural de felicidade, permaneceu calada e tremula. Seu corpo traduzia a angústia e o medo que lhe consumia naquela hora.

A'LAUKA

A boca seca, a respiração ofegante e quase já não se ouvia às suas falas. Mas para ele, naquele momento, ouvir as falas dela, já não importava, porque tudo que ele queria era um sinal de Ok, coisa do tipo: tudo bem, estou pronta, aperte aí querido e faremos isso. Ela nem precisava falar uma palavra sequer, pois, poderia confirmar com um simples aceno do dedo polegar. Então, Nzenza não recebendo a desejada confirmação por parte da Makiesse, ele, persistia vezes seguidas.

— Diz que sim, querida, vamos fazer isso, estou pronto e sei que também estás.

— Deixa-me respirar querido, não pressiones tanto, tu sabes que se fazermos isso agora, assim às pressas, não haverá retorno. Estamos convictos que é um caminho sem volta, precisamos calma e claridade das ideias.

Após longas horas de opiniões contrárias, ela deu-se por convencida.

— Aceito sim. Amado meu, faremos isso então! Aperte o botão. — Sentenciou a Makiese apoiando-se ao ombro esquerdo de Nzenza.

Bajosse Baca

NSAMU/PALAVRA

(10º CONTO)

O sol, é o astro que encandeia o jovem tempo. Já eu, tão simples e insignificante humano que sou, gosto de ser o bom moço igual o jovem tempo. Excita-me apreciá-lo esplêndido quando o galo canta na alvorada a sua mais famosa canção. Ao contrário do seu antónimo, o entardecer, pois este, é o vilão que age como nódoa de caju sobre uma camisa branca e em companhia de criaturas nocturnas espalha terror ao jovem tempo. Com isso, o jovem tempo molda o seu próprio ambiente. O colorido, fica deslumbrado com o pintalgado amarelo-vermelhado perdido no escuro dominador do entardecer.

Depois, o amarelo submete-se a surra solar e tenta resistir, mas ofusca-se à mistura da chuva que de vez assola o jovem tempo. Conseqüentemente, à muralha que se envaidecia de cor já pouca beleza ostenta.

Sem a poesia estética que a natureza oferecia, fui forçado a inventar utilidade dos sentidos. O jovem tempo compreendeu o propósito da invenção e noutro dia, enquanto o sol ainda lhe encandeava, convidou-me para uma festa de noivado. Aceitei o convite e juntos fomos bodar...

A'LAUKA

Chegamos cedo e tudo corria perfeitamente tranquilo. No auge da festa, o sentido do paladar dominava-me. Então me levantei calmamente para pegar a terceira rodada do fino. Mas o sentido da visão intensificou-se e ofertou atenção em demasia sobre três jovens que exibiam cores distintas nas suas vestes: o branco, azul e o preto.

Primeiro soube o nome do jovem agasalhado de branco, porque o seu amigo puxou-lhe assunto: — Baca, ajeita à cadeira e senta aqui comigo. — Exigiu o jovem de roupa azul.

O tal de azulinho veio cheio de boca, por isso, fácil caio na graça social.

— Fica calmo Bajosse, vou só pegar uma garrafa de whisky e já sento aí. — Garantiu o tal de branquinho (Baca).

— Mas, Bajosse e Baca, são mesmo nomes de pessoas? Txé, esses gajos têm nomes bué estranhos! — Cogitei.

O Bajosse, trouxe flores, certamente, rosas. Mas não ofertou para nenhuma dama, talvez entre as jovens presentes ali, nenhuma lhe tenha impressionado. Então, desmotivado, colocou as flores por cima da mesa envolvida no meio do salão.

Bajosse Baca

Foi aí que vi o terceiro jovem. Era um gajo gótico adoptando roupa social. Ele pausava timidamente perto do bar, exigia vezes seguidas uma taça de vinho. O barman, aborrecido com o seu pedido, serviu-lhe propositadamente um copo de sumo.

O gajo de social afinal é meio vijú. Para manter a postura não fez escândalos, pausou tipo nada. Deu uma de quem não consome bebida alcoólica e até fez uma foto para postar nas redes sociais. Porém, no seu interior, ofendia bué o barman, usando todos os palavrões existentes: vai para lá, da tua mãe... Vai tomar, não sei lá, onde! Filho, não sei de quem! E por aí adiante...

Naquele instante, o jovem tempo já se despedia, pois o entardecer se punha mais uma vez. Segui a bala do jovem tempo e fomos embora embriagados num sorriso esperançoso ansiando a partida do vilão que ousava vir diariamente. Ao sair do salão caí em mim e, me apercebi que eu era os quatro bons jovens, incluindo o tempo. Já o entardecer, era o álcool, o eterno vilão.

A'LAUKA

NFINDA/FLORESTA

(11º CONTO)

De tudo, a apreciação por camisas largas, e a paixão desenfreada por flores, especialmente as rosas, eram os seus cartões de visita. Justos, não tão baixinho, mas meio gordinho, talvez já na casa dos trinta. Se apresentara um tanto acabrunhado, com a barba desleixada, e o cabelo desajeitado. Ele repousava sobre um cansado tronco de árvore abatida preso no pedaço de terra sob-tutela da dona Gabriela.

O jovem rapaz, elevou os braços até ao queixo enquanto se perdia em pensamentos mornos. Desgastado, sugeriu para si mesmo "desistir dos sonhos". Olhava a redor procurando algo que lhe pudesse entreter, porém, nada havia. Sem outras opções, forçadamente dançou o seu triste olhar sobre as folhas secas que desciam em modo lento. Isso fazia com que, a dinâmica da percepção estranhasse o ambiente daquele desfeito lugar. Desesperado, fechou os olhos meio aos choros silenciados.

Entretanto, o semblante triste desaparecera por alguns segundos, quando num piscar de olho notou a presença de uma mulher vindo em sua direcção. Ela olhava-o com empatia. Já ele, mostrava profunda

Bajosse Baca

admiração por àquela magra mulher. Certamente um pouco mais velha dele, dona Gabriela, de cabelos cacheados, olhos castanhos, e dentes branquinhos. Usava trajos elegantes, denunciando a sua posição "uma quarentona empregadora" oposto dele, empregado. Os olhares de ambos, embora distanciados, demonstravam a boa relação que mantinham, além de trabalho, amigável; acima de tudo.

Ela ousava repudiá-lo sobre a sua aparência, mas ele, mantinha-se fiel à apresentação quase marginal, ignorando os conselhos da chefe-amiga. Por outra, era com ela, que ele experimentava algumas táticas de paquera.

— Com as profundezas mais profundas, das profundidades, profundas do meu ser, juro que, quando eu te vejo. Apetece-me jogar-me em tua direcção, e mergulhar profundamente na tua vida senhora, mas em juramento tribunal, sem nenhum remorso ou profundo arrependimento, acusarei o vento como culpado.

— Não me faças rir, já paravas Justos. Essas tuas chatices debes guardar para outras. Aliás, deverias primeiro fazer a barba e cortar o cabelo. Quanto ao resto, encontraremos uma solução juntos.

A'LAUKA

— Talvez, talvez! Mas sem o perfume das rosas eu me entristeço com facilidade. No entanto, quando olho para senhora me vêm boas lembranças de quando essas terras exibiam o maior roseiral da cidade.

— Sabe! Gosto mais de ti nessa versão, porque só dizes verdades. Bons tempos lá se foram, e ainda podemos recomeçar do zero, virei todos os dias no mesmo horário, para que a minha presença te sirva de inspiração. O que acha?

— O que eu acho? A Sra. Sugeriu isso mesmo?

— Claro que sim. Então o que dizes?

— Isso seria perfeito. Se assim o fizeres, teremos tudo reconstruído em pouco tempo. Na verdade, eu gosto mesmo da tonalidade dos olhos da Sra.

— Ah, deixa disso! Sempre que vens com esses elogios baratos, queres algo em troca, diz lá, o que queres agora?

— Nada disso, senhora. Eu, gosto mesmo dos teus olhos rosa.

— Vês? Não me faças rir novamente Justos, os meus olhos são castanhos e não rosa.

— Sério Sra? Juro que os vejo rosa.

Bajosse Baca

— Pois os vês e como os vês! A propósito, acredita que ainda será possível recuperar o brilho do roseiral?

— O Roseiral ficará belo. — Em alto tom, prometeu Justos.

— Preciso que dê a mesma atenção em todas outras flores, assim como a restante da plantação. — Esclareceu a Sr. Gabriela.

Embora ela fosse a proprietária, era ele quem tivera a ideia de jardinar a custo zero as terras que ela herdou do seu avô, e assim o fizera. Inicialmente as roseiras faziam uma rota circular em todo jardim.

Passado algum tempo, o jardim perdera o encanto. As árvores de diversos frutos tornaram-se inférteis, a maioria da plantação perdera definitivamente o brilho, deixando tudo em inundações de sonhos. Por fim, Justos, arregaçou as mangas, limpou as lágrimas e em seguida ofereceu um confortável sorriso a dona Gabriela. Depois, colocou a roupa apropriada para jardinagem e fez-se cumprir o prometido.

A'LAUKA

EVUVU/ESPERANÇA

(12º CONTO)

— Voltarei. — Disse ela excitante, aliás, o desejo de partir tomara conta dela como nunca.

— Não percebo, queira, por favor, desenhar? Dizer por palavras miúdas e maiúsculas? Há possibilidade de compreensão da minha parte caso explique passo a passo, detalhe por detalhe. — Retorqui indignado enquanto acariciava o seu cabelo crespo.

Passados poucos minutos, voltei a sentar do outro lado da mesa. Ficamos a olhar um para o outro sem nada a dizer por alguns segundos. Então, ela voltou a levantar-se, provocando-me a sensação de vida; casa; e mesa vazia.

Tal sensação impusera em mim o sentimento de impotência, deixando-me perdido entre os esconderijos das minhas próprias emoções embaralhadas. Em volta nada pudera amparar-me, nem o vinho tinto entre à taça fixa nas minhas mãos. Pelo contrário, fizera embriagar-me no silêncio do abandono.

Duas das três garrafas vazias sobre à mesa, e a última já quase ao meio. Os talheres seguiram intocáveis, intactos, não usáveis se viram os pratos de porcelana enfeitadas de nós. A refeição esfriada

Bajosse Baca

um tanto quanto o seu desejo de dormir e acordar eternamente comigo. Naquela desenfreada incompreensão dos factos, duas horas passaram após os seus iniciais dizeres inexplicáveis do adeus.

— Voltarei em breve. — Disse novamente sem usar outra frase esclarecedora.

Segurou a minha mão suada de nervos, e eu, em êxtase, admirando ela, tão bela, exibindo 1, 74 de altura e 57 de peso, feita à medida, obra de arte divina. Para auxiliar sua incondicional beleza, rara quanto as estrelas em Inverno, Deus ofertou-lhe dois pares de iluminados olhos negros, compactuando com o seu tom de pele, convidando a perfeição casar o seu gingar que me fazia naufragar desolado.

No compasso de espera do que diríamos a seguir, ela deu-me um caloroso beijo do adeus. Entusiasmei-me como nas outras tantas vezes que nos beijamos, logo, as minhas mãos foram navegando a sua magra cintura. Timidamente fui deslizando sobre seu vestido lã vermelho banhado de brilhantes pérolas. Mas ela, em clima de separação que a possuía, sem ser rude, grossa, ou agressiva, lentamente afastou-se, fazendo com que a música interna da esperança que tocava em mim, parasse.

Naquele exacto momento ela encerrava a conversa:

A'LAUKA

— Voltarei em breve. Preciso que entendas, não me peças explicações, pois eu não as tenho por agora, adeus. — Finalizou sem acrescentar nenhuma outra palavra.

Ela saía da sala correndo, mas o seu salto-alto ficou preso na toalha de mesa, provocando a queda da garrafa de vinho, espalhando o doce aroma das uvas sobre a sala toda.

Tentei ajudá-la ignorando o desperdício do velho vinho que caía sem parar, porém, ela escorregadia e rápida seguiu em direcção à porta e partiu. Hoje sigo vivendo na esperança da sua volta.

Bajosse Baca

KÁNDUA LUVUVAMU/DESARMONIA (Corda Bamba)

(13º CONTO)

Da outra vez, faltavam menos de vinte minutos para às cinco da manhã, quando o canto do galo se fez acompanhar ao som dos anjos das olheiras, anunciando o final de mais uma noite de insónia. Logo, posso adicioná-la na rubrica ‘noites afogadas’, do meu curriculum da solidão. Desarmonia

Furioso, ergui os braços, uni os dedos, formei um punho intencionando socar forte à janela do quarto, sobretudo, silenciar o galo irritante que muito gritava igual alarme, sem parar. Mas me envolvi noutras vias, nas trilhas da reflexão ingénua, me entupi de ideias pessimistas, mas realistas sobre nós os dois.

Desejava flutuar meio as dificuldade, sobreviver aos caos dos altos e baixos em mais dez anos loucos de nós, ainda que, fosse sobre perdas e ganhos, mesmo que às cicatrizes estivessem aí em nossas mentes, em nossos corpos como se fossem selos carimbados a ferro e fogo. Assim, todos os efeitos colaterais permanecerão eternamente desquebrados, pese embora, inquebráveis imortais inseguranças nos dominem.

A'LAUKA

O facto de ela ser suficiente e dona de si, aliciame as ideias frouxas, pois, supervalorizo os defeitos dela, em contrapartida, oculto os meus.

Eis o razão de nos afastarmos cada vez mais da predestinação eterno amor, porque pouco fizemos e o nosso destino está na balança. Podemos calcular com precisão o resultado ser igual à corda bamba exigindo equilíbrio. Há evidências da distância absoluta apoderar-se de nós, fruto das mentiras antiquadas.

Não restam dúvidas, já não há amor; talvez nunca tenha existido de facto! Quais outras justificativas ela tem para dar suporte a exagerada presença dela lá, e menos aqui onde lhe pertença?

Para ela, já não faz sentido o adágio d'alma gémea no paraíso tomando ar fresco; água doce; água com açúcar ou de coco.

Estou perdido diante de um céu cheio de estrelas, me cabe apenas lembrar do passado: nós a beira-mar, ela, coberta daquele lindo rosa tomara que cai, caíamos em risos e beijos trocávamos. Porém, caímos na rotina, aparentamos estar cansados dos risos e beijos outrora trocados.

Ainda me amarro naquelas imaginações 'de vê-la possuída pelo desejo incontrolável de repetir

Bajosse Baca

várias e várias vezes a mesma cena, no perfeito momento em que me atribuiu o codinome de ‘Meu Xuxu’. Os deliciosos lábios dela, leve e doce como cappuccino clássico sobre os meus, faziam-me ter a certeza de que isso é um maktub.

Evidentemente já estava escrito “ela e eu. Nas estrelas vejo o provável eterno “nós” desfeito, agora tudo caído, perdido e passado, é concreto à nossa avaria.

Desconheço-a, afinal quem ela é? Me vejo num deserto desconhecido sem mapa algum, nem bússola ao menos para servir de guia tenho.

Não sei o que nos tornamos, estou perdido em nós, parecemos dois completos estranhos, sabe?! A melhor parte de mim vinha dela, nem a canção Pillowtalk me acalma, haquearam-me, alguém tomou de mim, o controlo remoto do seu amável coração.

Aí habita o desequilíbrio desta corda, pois eu ainda amo, não quero viver para sempre se não estivermos juntos, não planeamos assim.

— Sou o único que amou? — Questionei. — Só quero ouvir a verdade e não vale mentir, mas vale dizer não.

— Acrescentei em tom de revolta.

— Ame alguém. — Disse ela em resposta.

— Mas isso não responde à questão inicial! — Exclamei indignado. — Fica comigo. — Implorei.

A'LAUKA

— Não. — Agora em resposta ela disse não.

Não mesmo, não para mim? Assim, sem medo, ou dúvidas? Disse não, com convicção!

Não, expressado com poder; força, e garra de envenenar-me. Não, dito em alto tom; escrito à lapiseira para não poder apagar depois.

Ela disse-me definitivamente não, sem me dar a oportunidade de apagar as palavras registados nas páginas virgens do livro d'amor não correspondido!

Ela acreditava que eu era especialista em cordas bambas, então por que não consigo equilibrar estas emoções em mim? Por que ainda sigo cercado de todas as manias dela? O jeitinho meigo, tudo dela em mim, segue intacto. É um denego do qual eu me apeguei e não consigo desapegar. Ainda desejo que ela me ame de volta, nessa, noutra e em todas as minhas encarnações, pois, só ela pode consertar essa corda que já não nos uni.

Bajosse Baca

BUKUMUKA/FALECER (A Inexistente)

(14º CONTO)

Enfim, quando um não quer, dois não caminham juntos. Não importa o que faremos para reconquistá-la, não vale implorar, ela não vai voltar.

Eu tinha noção disso, ainda assim, sujeitei-me ao ridículo pedindo favores para ela voltar e ela não voltou. Ela nem arriscou enviar-me uma mensagem sequer, simplesmente desapareceu do mapa, sem se importar em saber ao menos como estou após o nosso doloroso final. Ela deveria saber que hoje assentei num misto sentimental, nostálgico; melancólico, sofrido.

Parece que essa química transcendental entre nós é mais eu, comigo mesmo; eu em carne; eu em espírito.

Tal conexão incompreensível não me leva a lugar algum, olha, nem notei, já anoiteceu! Provavelmente são 00h37 ou mais! O PC está com à data e o fuso horário doutras bandas/zona que desconheço. Deixei o fone/celular propositalmente na casa de um amigo, não quis ser incomodado enquanto vagueava em meus pensamentos.

Dei-me a liberdade de voar... era suposto deixarmos de gostar em simultâneo, mas ela saio por

A'LAUKA

cima, olha eu! Saí por baixo, sim! No chão ainda estou.

Os meus olhos inchados condenam-me, por mais que eu queira disfarçar sou incapaz, ainda não superei. Sinto-me perdido no vazio do querer, essa merda da fragilidade humana obriga-me a aceitar migalhas; afogar o carácter, o ego e por aí vai... a inexistente tem até a minha autoestima em sua posse.

Contemplo da janela às tradicionais luzes acesas proporcionadas pelas lâmpadas dos postes de electricidade.

Às noites continuam frias e tristes, enxergo à cama vazia sem o corpo dela como lareira para incendiar-me, o armário espaçoso demais para um só “eu” falta o «nós» em tudo. Sem ela, é tudo caos em mim.

Afogo-me em turbilhões de sensações, nem preciso esperar, o juízo-final para saborear a possível amargura do purgatório-infernal.

Entretanto, tive de frear a minha amarga viagem-emotiva por alguns instantes, porque a minha irmã mais nova, a Zua, veio tirar do meu quarto o ventilador que partilhamos.

— Amador, você ainda está acordado essa hora?

— Estou sem sono caçula.

Bajosse Baca

— Possas! Meu irmão, você mudou bué, essa situação está agravar-se.

— Também não exagera, estou bem. Insônia é normal, acontece com qualquer um. As pessoas de vez perdem o sono.

— Tens toda razão, só que, a tua perda de sono tem nome e sobrenome. Você não consegue entender que ela superou em pouco tempo. Enquanto você, segue preso em tudo que envolve vocês os dois. Meu irmão, eu também sou mulher, conheço os nossos truques e atitude do tipo, é mesmo quando já estamos nem aí. Já falei demais, vou dormir, dá-me só o ventilador.

— Deste bué de dica gato e agora vais embora! Tá bala, pode bazar. O ventilador está aí à sua esquerda, não vou levantar mais, tira só e baza.

Enquanto a Zua sentia calor, eu só sentia tristeza, frieza e falta dela, da minha ex. Fora isso, não sentia mais nada. Apetece-me correr descoordenado e gritar amo até arranhar à garganta.

Para a inexistente, o nosso amor esfriou, o meu abraço já não é carregado de fogo. Sinceramente não sei quando congelamos, enfim. Entre tantos pontos e vírgulas, reticências e parágrafos a um possível ponto final. Foi na procura desse ponto final que me lembrei de ter ouvido conselhos grátis de um velho amigo.

A'LAUKA

— Seis são nove, e nove são seis. Essa discussão é uma questão de ângulos opostos, oferecendo, também, dois-pontos de vista desiguais, portanto, trocar o ângulo pode mostrar outra visão das coisas. — Ponderou o velho amigo.

Essas palavras coam em meu ouvido, cheguei a pensar que, lutava por dois sobre às metas de um, julgava eu!

Contudo, o labirinto que parecia invencível acabou de notificar-me por si só uma saída óbvia da qual eu não via. Lá, estão às luzes no final do túnel, agora é evidente que havia uma possível saída, sim, clara e existente, eu é que estava cego.

Apercebi-me de que, talvez, estejamos a olhar de ângulos opostos, apesar de o sentimento propor o tempo todo “ela e eu, eu e ela, eu com ela, ela comigo”. Ainda assim, seguimos tão distantes, lembro os dizeres do velho amigo: “trocar o ângulo pode mostrar outra visão das coisas”.

Por conta dessa outra visão das coisas, depois de três meses, ganhei coragem e fui atrás dela para tirar satisfação, do porquê não atendia às minhas chamadas e nem respondia às mensagens? Posteriormente, pedir instruções de como ela fez para superar o «nós» tão rápido assim!

Bajosse Baca

Acordei acelerado, me despedi às pressas da Zua e fui atrás dela, da mulher veneno, a moça que me fascina, a minha Ex.

Peguei três táxis e uma moto-táxi para ir até à rua dela, ao chegar lá, tudo ainda seguia igual, as mesmas entradas e saídas. Mas notei algo insólito: um silêncio anormal tomava conta daquela barulhenta-zona alegre, só a minha súplica se ouvia ao bater o portão resmungava em voz alta.

— Amor, faça-me entender então, aonde tu vais sem mim?

— Vou sem você, mais cedo ter com o senhor dos céus. — A resposta foi inesperada, conheço a voz do meu amor, essa não era a dela, girei a cabeça para ver quem respondia por ela, neste travesso vejo a “existente” sua irmã gêmea. Respondeu todas as minhas questões com lágrimas nos olhos.

— O teu amor não superou «vocês» tão rápido assim, tal como julgavas. Ela não atendia às tuas chamadas porque já estava sem fôlego, ela não quis que soubesses do diagnóstico do câncer maligno nos pulmões dela, ao menos que, a procurasses. Nos últimos três meses a nossa vida foi uma correria de hospital em hospital; clínicas privadas e públicas. Ela não resistiu à quimioterapia, pois o câncer era agressivo demais. Nós aqui em casa a prometemos

A'LAUKA

fazer-se cumprir à sua vontade mesmo depois da morte, por isso, não dissemos nada para você até hoje. Estivemos todos aqui a roer as unhas, ansiosos por esse momento, ver você chegar encheu os nossos corações de alegria, e provavelmente com à sua especial presença cá em casa, neste instante um anjo sorriu lá no céu.

A “existente” falou muitas coisas mais, tomei um balde de água fria, coração acelerou; batimentos incontrolláveis tomaram conta de mim, tremia enquanto absorvia àquela aterrorizante informação.

Sinto-me fraco, eu que julguei estar afogar o meu ego, carácter e por aí vai... Pelo facto de ela não responder as minhas mensagens e ainda assim continuar a enviar!

Afinal, ela esperava que eu fizesse mais? Esperava que eu fosse até à casa dela? Sábio é o pastor José, caso eu mudasse de ângulo mais cedo, quem sabe? Deus me permitiria dar o beijo do adeus! Abracei forte a “existente” juntos choramos pela morte do meu amor “A inexistente”.

Bajosse Baca

LEMBUA NZOLA/AUSÊNCIA DE AMOR, (Desamor)

(15º CONTO)

Era suposto não voltar a falar dela porque preciso esquecer o gosto macio dos lábios dela, o sexo selvagem; lento, frio, quente e, outrora, morno. Ela tinha uma técnica peculiar e incrível de seduzir-me, é o tipo de mulher sem igual, um misto de meu bem, meu mal; moça má e boa moça. Era malvada, barraqueira, escandalosa, mas meiga, confusa. Uma rara mulher, bênção e praga; luz e trevas.

Com todos os defeitos e qualidades, eu amava-a e, amava-a muito, muito mesmo! Ela sabia do quanto eu a amava, pois foram inúmeras às vezes que me declarei. Ela sorria após as minhas constantes declarações. Abraçava-me forte com ternura e um pouco de amor, sim. Só um pouco de amor! Era evidente que ali, era eu quem mais amava.

Mas ainda assim, ela dava-me beijos calorosos e demorados. Só as declarações de amor é que eram breves do tipo: “também te amo”. Limitando-se em ser recíproca. Dava-me calafrios, sem saber o que dizer depois do gozo mútuo, os nossos lábios eram invadidos pelo sorriso de satisfação. O agrado tomava conta dos nossos corpos, inevitavelmente relaxados, fruto de um bom sexo; pois uma transa bem ganha, proporciona o semblante de felicidade.

A'LAUKA

Fica estampado na cara o Kuyuyu, da vontade de sair por aí, gritar, amo até não poder mais.

Imagina que ela era poetisa até mesmo calada! Fazia magia na hora do bem-bom, com um simples beijo concebia-me o toque do céu, fruto proibido dela era doce igual loengo, os maboques duros em tempo integral! Porque a verdade seja dita, não me lembro de os ter visto flácidos.

Na verdade, não quero falar dela, não vou falar dela! Direi somente de alguns factos incomuns derivadas das nossas conversas sobre a consistência dos órgãos reprodutores masculinos. Ela apresentava discursos alternativos sobre flacidez dos meus escrotos e pénis sem qualquer limitação porque ela era livre para expor suas ideias quanto as minhas coisas duras, solidas, consistentes ou flácidas e mortas.

— Bolas/escroto, aguadas/aguados, esses não copiam os meus peitos por quê?

Eu, apenas escondia o rosto de vergonha, mas era uma cena muito gostosa de se viver. Para não deixá-la no vago, dava explicações farrapadas enquanto ela seguia analisando todas as mudanças na formatação dos meus bons amigos.

Bajosse Baca

— Não vejo tanta necessidade de um escroto ficar duro o tempo todo, talvez seja apenas o pênis que tenha tal obrigação, porque ele está expressamente proibido de ficar flácido enquanto nos tocamos.

— Ah, não diz isso amor. Para mim, tudo é importante. As durezas dessas tuas bolas/escroto são temporais, de vez ficam bem aguadas/flácidas e isso me irrita um pouco, fica algo sei lá... sem graça para acariciar, elas precisam ser iguais aos meus peitos, duros em tempo integral.

Do porquê ela gostava de comentar sobre a condição das minhas bolas, não sei, mas eu gostava do jeito dela, curiosa e metida. Ela pesquisava pacientemente sobre o assunto, queria saber dos porquês: de vez as minhas bolas ficavam tão aguadas e qual era a função do saco entre as pernas de um homem.

Nas suas curiosas pesquisas, soube que, a função do escroto é manter uma temperatura nos testículos, inferior a do resto do corpo (34,4 °C), porque o calor excessivo destrói os espermatozóides.

Enquanto me apresentava o relatório da sua precipitada pesquisa, ela discutiu com os seus próprios aprendizados:

— Então, se o calor excessivo destrói os espermatozóides, como justificar a alta fertilidade

A'LAUKA

africana, mesmo estes homens estarem constantemente expostos a altas temperaturas? Por outra, o homem ocidental parece ser menos fértil comparado ao africano, né? — Interrogou olhando já para mim.

— Eh! Não me olha assim amor. Eu também só sei que nada sei.

Por medo de ouvir outras verdades, eu evitava aprofundar a conversa e dava uma de tolo, embora poderia justificar que o homem africano, talvez, tenha mais filhos pelo simples facto de este fazer pouco o uso dos métodos anticoncepcionais, e o homem ocidental, talvez, segue à risca tais métodos a fim de evitar uma gravidez indesejada.

Mesmo eu dando uma de tolo, ela procurava saber tudo sozinha, por isso soube que uma das camadas do escroto tem um músculo que o permite contrair-se e distender-se, conforme seja necessário aumentar ou reduzir, respectivamente, a temperatura no seu interior.

Então ficou ciente que, o estado/aparência das minhas bolas eram influenciadas pela temperatura, de vez, aguadas e outras consistentes dependendo das épocas mais frias e mais quentes.

Bajosse Baca

Por esses e tantos outros motivos ela marcou-me emocional, também fisicamente, pois, arranhou-me como nunca ninguém havia feito antes, tenho as marcas de suas unhas no meu pescoço; costas, peito e coração.

Mas aceito que preciso desatar-me desse nó que há muito nos acorrentou. Sejamos então, eu e ela, apenas bons amigos doravante! Mas como serei amigo de alguém que amo? Sim! Amo, ainda não deixei de amá-la apesar de estar a viver hoje os efeitos colaterais dos chifres que ela aplicou em mim. Suas palavras ainda me perturbam: “nos abracemos com pouca ternura, nos olhemos com menos paixão e desacostumámo-nos dos beijos selvagens porque o meu corpo e coração agora pertencem a vários homens. Não acho justo manter um relacionamento de sentimentos incompatíveis”.

Merda! Mas de que incompatibilidade sentimental ela estava por aí a querer comprovar?

Nós éramos idênticos, tipo mel e o açúcar, embora um mais doce, e multifuncional que o outro. De modo geral, os dois são úteis adoçantes, portanto, éramos equivalentes e ponto. Mas também preciso admitir que éramos próximos a uma máquina avariada que apresentava o tempo todo má funcionalidade, talvez seja por isso que ela partiu para outros.

A'LAUKA

A dor do cotovelo faz-me querer desatar este nó a qualquer custo, até mesmo fazer algum tipo de macumba africana; ou um tipo de magia oriunda do Ocidente; talvez um ritual próprio do Budismo, quem sabe? Usarias diversas formas; modos e rituais sagrados para arrancá-la do meu coração, pois, tudo o que ela disse me assombra: quero sair por aí provar e sentir tamanho de outros pénis, beijar outras bocas, abraçar outros corpos.

Ela, sem receio algum, assumiu descaradamente ser uma puta.

Se eu soubesse ao menos como descodificar este enigma! Solucionaria minha situação? Já tentei usar às tais máquinas de Turing, para o nosso caso específico parecem não funcionar. Talvez é necessário acordar o Alan Turing do seu sono profundo.

É opcional tirar o Alan, do túmulo e sequestrar Turing, com o intuito de solicitá-lo pessoalmente ajuda para decifrar a confusão do enigma que há em mim.

Sei que tal acto me traria vários problemas: políticos e religiosos.

Problema político não só para mim, como para o país, já que envolveria questões diplomáticas, os

Bajosse Baca

britânicos direccionariam fúria sobre a nossa pobre Angola, afinal, eu abriria o túmulo de uma honrada identidade militar britânica.

Desejo arrancá-la dentro de mim, que correria tal risco, por outra, também envolveria questões de crença, não desapontaria Deus a esse ponto, pois tenho um profundo respeito aos mortos por conta da crença Cristã que me foi incumbida desde pequeno, tal crença apoderou-se tanto de mim que, não me daria o luxo de fazer qualquer ritual capaz de trazer alguém de volta à vida.

Embora eu esteja realmente desesperado, nem mesmo esta forte necessidade de trazer de volta à vida um dos primeiros decifradores de enigmas que o mundo conheceu, me excitaria o bastante para quebrar estas barreiras cristãs que muito preso.

Enfim, Turing, é uma opção inválida, o pedaço de osso, talvez agora, só mesmo poeira sobrou dele, não poderá me ajudar. Então aceitemos que dói menos! O ‘Amor Acabou’ apenas por parte dela.

Só me resta seguir adiante assim, aprisionado neste desamor...

FIM!